

## **Um ano depois: o que relataram as mulheres de diferentes gerações nos Diários de uma Pandemia**

### **Resumo**

Globalmente, os indicadores de bem-estar foram mais favoráveis nas mulheres com mais idade, apesar de serem estas mulheres a relatar também mais medo de ser infetadas, maior preocupação com a sua saúde e a dos entes queridos e mais óbitos entre pessoas que conheciam pessoalmente. Por outro lado, foram também as mulheres mais velhas que reportaram menos contactos de risco, menos necessidade de isolamento profilático e menor risco percebido de infeção.

As mulheres com e sem crianças até 10 anos no agregado reportaram indicadores semelhantes no que diz respeito à frequência de infeção, à necessidade de isolamento profilático, às infeções no agregado, aos contactos com casos suspeitos, ao risco percebido, à preocupação com a saúde e ao bem-estar global, apesar de as mulheres com crianças terem recorrido mais aos cuidados de saúde, incluindo o teste da infeção pelo vírus da COVID-19.

### **O estudo:**

Os Diários de uma Pandemia (<https://diariosdeumapandemia.inesctec.pt/>), uma iniciativa do ISPUP e do INESC TEC com o apoio do PÚBLICO, recolhem a cada dia e através de questionários aplicados *online*, a experiência individual de um largo conjunto de cidadãos entre 16 e 89 anos, que se propuseram deixar relato da forma como vivem este tempo, e em particular nos informam como atuam em relação a um conjunto de situações que poderão influenciar o curso da epidemia em Portugal. Na segunda fase do estudo, que teve início a 3 de fevereiro de 2021, inscreveram-se para participar no estudo 3674 pessoas, que até 5 de março de 2021 preencheram mais de 65 000 questionários. Na análise incluímos dados das 2636 participantes que se identificaram como mulheres e que responderam aos primeiros questionários propostos no âmbito desta fase do estudo.

### **Resultados**

Entre as 2636 mulheres que participaram, 16% tinham 18 a 29 anos, 20% entre 30 e 39 anos, 30% entre 40 e 49 anos, 20% entre 50 e 59 anos e 14% tinham 60 ou mais anos. Das 1728 mulheres com idade até 49 anos, 497 (29%) tinham crianças até 10 anos de idade no agregado familiar.

#### **a) Contactos, teste e diagnóstico de infeção pelo vírus da COVID-19**

Desde março de 2020, 51% das mulheres com menos de 30 anos tiveram contacto com pelo menos uma pessoa com suspeita de infeção pelo vírus da COVID-19. Esses contactos diminuíram com a idade, até 26% nas mulheres com 60 ou mais anos. Os contactos com casos suspeitos

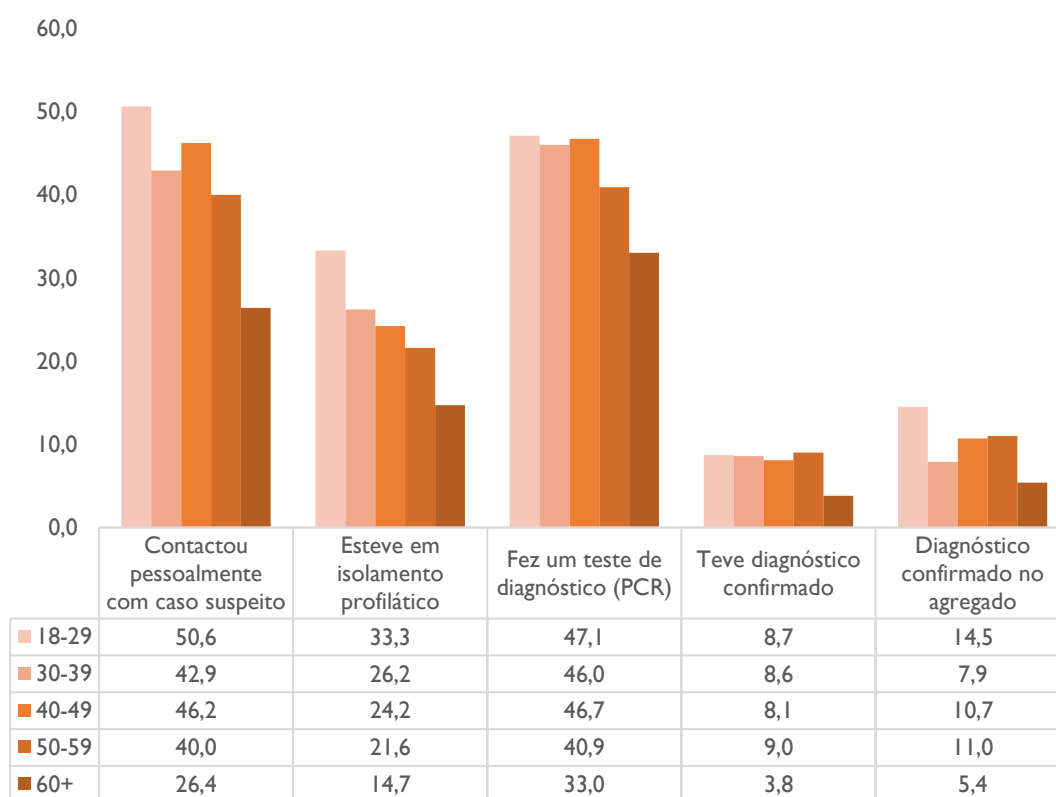
tiveram frequência semelhante entre mulheres de idade até 49 anos com e sem crianças com idade inferior a 10 anos no agregado (47,9% e 45,6%, respetivamente).

A realização de pelo menos um teste de diagnóstico da infeção seguiu uma tendência semelhante, embora com uma descida menos acentuada com a idade, de 47% até aos 29 anos a 33% a partir dos 60 anos. As mulheres com crianças no agregado fizeram teste mais frequentemente, embora a diferença tenha sido pequena: 50,1% vs. 45,1%.

Um terço das mulheres mais jovens estiveram pelo menos uma vez em isolamento profilático na sequência de um contacto de risco. Esta proporção diminuiu também com a idade até 15% nas mulheres mais velhas. Não houve diferenças na frequência de isolamento profilático entre mulheres com e sem crianças: 28,6% e 26,3%, respetivamente.

A frequência de diagnóstico de infeção pelo vírus da COVID-19 foi relativamente constante até aos 59 anos (aproximadamente 9% das mulheres participantes) e decresceu para 4% a partir dos 60 anos. As mulheres mais jovens também reportaram mais infeções no agregado familiar, com um máximo de 15% até aos 29 anos, principalmente quando comparadas com as mulheres mais velhas (5% a partir dos 60 anos). Não houve diferenças na frequência de diagnóstico da infeção entre mulheres com e sem crianças (8,7% e 8,3%, respetivamente), nem na frequência de infeções no restante agregado familiar (11,7% e 10,4%, respetivamente).

Contactos, teste e diagnóstico de COVID-19 (%) por grupo etário



b) Cuidados de saúde relacionados com a COVID-19

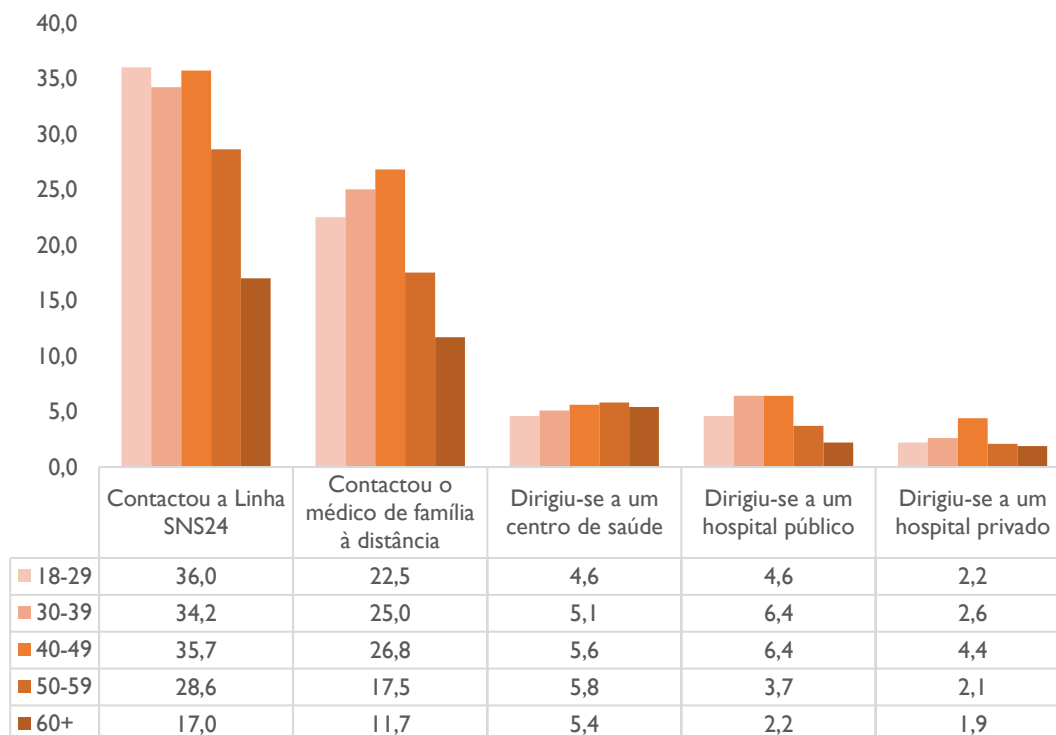
Desde março de 2020, mais de um terço das mulheres até aos 49 anos tinha contactado a Linha SNS24 por motivo relacionado com a COVID-19, ao passo que 17% das mulheres com 60 ou mais anos o tinham feito. As mulheres com crianças até 10 anos no agregado contactaram a Linha SNS24 mais frequentemente (44,7% vs. 31,5% nas mulheres sem crianças).

Aproximadamente um quarto das mulheres até aos 49 anos relatou ter tido contacto à distância com o médico de família. Essa frequência decresceu com a idade até 12% das mulheres com 60 ou mais anos. As mulheres com crianças até 10 anos tiveram mais frequentemente contacto com o médico de família (34,4% vs. 21,5% nas mulheres sem crianças).

Já as deslocações a centros de saúde por motivo relacionado com a COVID-19 foram claramente menos frequentes que os contactos à distância e tiveram frequência semelhante nas várias idades, bem como entre mulheres com e sem crianças pequenas, entre 5 e 6%.

A deslocação a hospitais devido à COVID-19 foi mais reportada pelas mulheres entre os 30 e os 49 anos (no máximo 6% foram a hospitais públicos) e menos frequente nas mulheres a partir dos 60 anos (2% deslocaram-se a hospitais devido à COVID-19). As mulheres de idade até 49 anos que tinham crianças até 10 anos deslocaram-se mais frequentemente a hospitais públicos devido à COVID-19 (8,7% vs. 4,9% nas mulheres sem crianças).

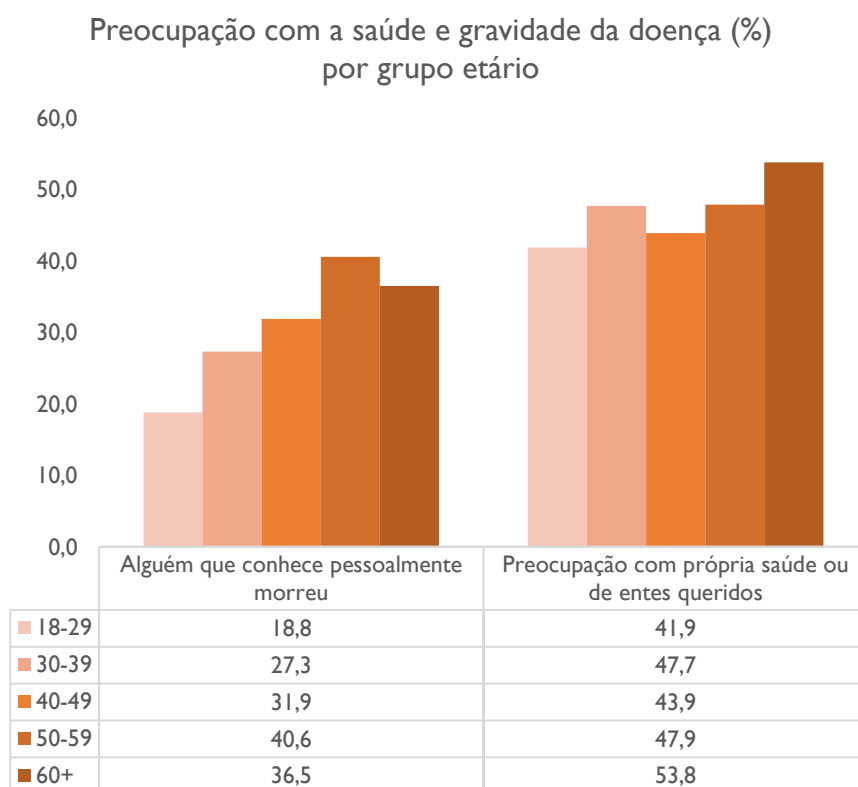
Cuidados de saúde relacionados com a COVID-19 (%) por grupo etário



c) Preocupação com a saúde e gravidade da doença

De uma forma geral, a preocupação com a saúde – relatada em fevereiro de 2021 – foi muito frequente e aumentou com a idade: 48% das mulheres entre 30 e 39 anos referiram estar sempre, quase sempre ou muitas vezes preocupadas com a sua saúde ou com a dos seus entes queridos, sendo que mais de metade das mulheres com 60 ou mais anos (54%) relataram esta preocupação. Não houve diferenças no nível de preocupação entre mulheres com e sem crianças: 42,8% e 45,4%, respetivamente.

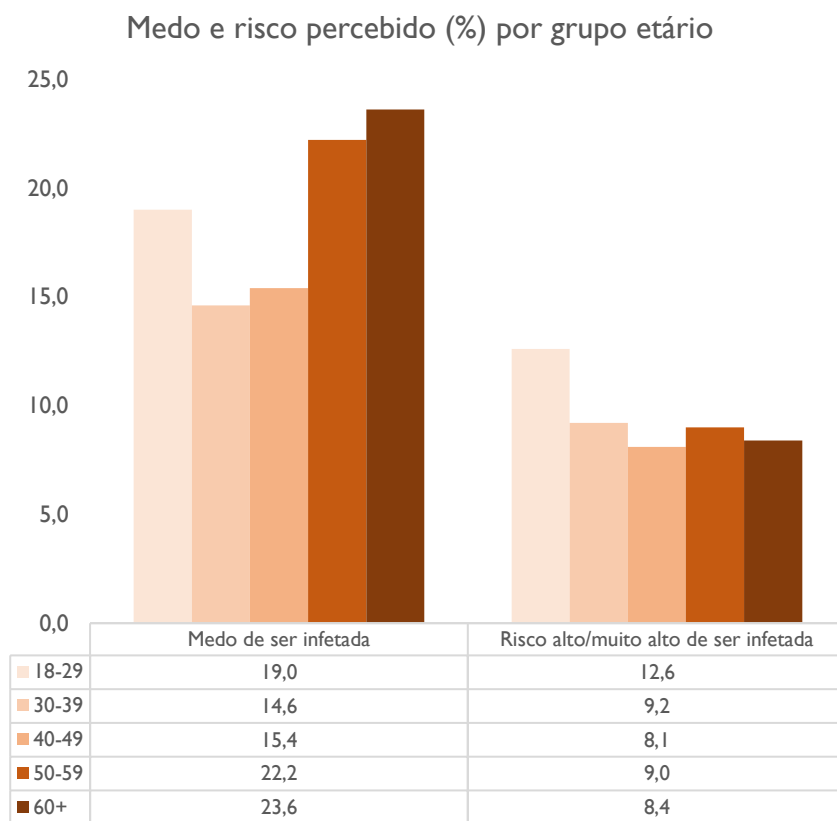
Mais notórias foram as diferenças etárias na proporção de mulheres que referiram conhecer pessoalmente alguém que morreu devido à COVID-19: 19% nas mulheres com menos de 30 anos e 41% entre as mulheres de 50 a 59 anos.



d) Medo e risco percebido de infecção pelo vírus da COVID-19

Durante o mês de fevereiro de 2021, 24% das mulheres a partir dos 60 anos e 22% das mulheres entre 50 e 59 anos relataram ter medo de ser infetadas (sempre, quase sempre ou muitas vezes). O medo da infecção foi também frequente nas mulheres até aos 29 anos (19%) mas menos comum entre os 30 e os 49 anos (15%). Não houve diferenças no medo de ser infetada entre mulheres com e sem crianças: 14,6% e 16,6%, respectivamente.

Já o risco percebido de infecção (alto ou muito alto) foi mais elevado nas mulheres até aos 29 anos (13%) e manteve-se relativamente constante a partir dos 30 anos, entre 8 e 9%. Não houve diferenças no risco percebido de infecção entre mulheres com e sem crianças: 7,4% e 10,1%, respectivamente.



#### e) Indicadores de bem-estar

No que diz respeito ao bem-estar, observa-se que tanto os sentimentos negativos (tristeza, desespero, depressão e ansiedade) como a dificuldade em lidar com a situação atual tiveram uma relação muito semelhante com a idade, sendo mais frequentes nas mulheres mais jovens (reportados por mais de um terço das participantes) e diminuindo claramente com a idade, até menos de um quarto das mulheres com 60 ou mais anos. As diferenças nestes indicadores foram muito menores quando comparadas mulheres com e sem crianças, tanto em relação aos sentimentos negativos (29,6% e 31,4%, respetivamente) como à dificuldade em lidar com a situação (33,1% e 30,8%, respetivamente).

O sentimento de frustração por não poder cumprir rotinas diárias foi particularmente frequente nas mulheres com 30 a 39 anos (49%) e afetou 33% das mulheres a partir dos 60 anos. Também nas mulheres com crianças até aos 10 anos este sentimento foi mais frequente que nas mulheres sem crianças no agregado: 54,6% vs. 40,6%.

É ainda de notar que a generalidade dos indicadores relacionados diretamente com a infeção mostraram frequências semelhantes entre mulheres e homens, ao passo que os indicadores de bem-estar foram quase sempre menos favoráveis entre as mulheres.

